

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES

Não é paranoia se está realmente acontecendo.

a
mulher
na
janela

A. J. Finn

a
mulher
na
janela
A. J. Finn



para George

Desconfio de que em algum lugar, dentro de você,
exista algo de que ninguém sabe.

– *A sombra de uma dívida* (1943)

DOMINGO,
24 de outubro

UM

FALTA POUCO PARA QUE O MARIDO DELA CHEGUE EM CASA. Dessa vez, vai pegá-la no flagra.

Não há cortina nem persiana nas janelas do número 212, a casa de tijolos vermelho-ferrugem que abrigou os recém-casados Motts até pouco tempo atrás, quando eles se separaram. Não cheguei a conhecer os dois pessoalmente, mas às vezes dou uma conferida on-line: no perfil dele no LinkedIn e na página dela no Facebook. A lista de casamento deles ainda está no site da Macy's. Se quisesse, ainda poderia presenteá-los com um aparelho de jantar.

Como eu ia dizendo: janelas completamente nuas. De modo que o 212, rubro e despido, parece olhar direto para o lado de cá da rua, e eu fico olhando de volta, observando a nova proprietária conduzir seu engenheiro para o quarto de hóspedes. Qual será o *problema* dessa casa? É nela que o amor se instala para morrer.

A mulher é linda, uma ruiva natural, com olhos verde-claros e milhares de pintinhas nas costas. Muito mais bonita que o marido, o psicoterapeuta John Miller (sim, ele oferece terapias de casal), um dos 436 mil John Miller que existem na internet. Esse em particular tem seu consultório nas imediações do Gramercy Park e não aceita planos de saúde. Segundo a escritura de venda, pagou 3,6 milhões de dólares pela casa nova. O consultório deve andar cheio.

Conheço mais, e ao mesmo tempo menos, a mulher. Que pelo visto não é muito boa dona de casa: tem oito semanas que ela e o marido se mudaram, mas as janelas continuam peladas, *tsc tsc tsc*. Ela faz ioga três vezes por semana, sempre desce as escadas com seu tapetinho enrolado debaixo do braço, embalada a vácuo numa malha da Lululemon. Deve trabalhar como voluntária em algum lugar, pois às segundas e sextas sai de casa um pouco depois das onze, mais ou menos na hora em que acordo, e volta lá pelas cinco, cinco e meia, quando já estou escolhendo o filminho da noite. (O de hoje é *O homem que sabia demais*, pela enésima vez. Sou a mulher que via demais.)

Já notei que, como eu, ela gosta de tomar um drinque durante a tarde. Será que gosta de beber pela manhã também? Como eu?

Mas a idade é um mistério, embora ela seja visivelmente mais nova que o Dr. Miller (e que eu também, além de mais magra). O nome é outro mistério. Penso nela como Rita, porque ela se parece com a Rita Hayworth em *Gilda*. “Não estou nem um pouco interessada.” Adoro quando ela diz isso.

Pois eu estou muito interessada. Não no corpo da mulher – o relevo da espinha dorsal nas costas

muito brancas, as escápulas que mais parecem duas asas recolhidas, o sutiã azul-bebê: sempre que qualquer uma dessas coisas aparece diante da minha lente, desvio o olhar –, mas na vida que ela leva. Nas vidas. Duas a mais do que eu.

O marido dobrou a esquina agora há pouco, meio-dia e alguma coisa, logo depois de a mulher fechar a porta de casa com o engenheiro a tiracolo. Trata-se de algo atípico, pois aos domingos o Dr. Miller sempre volta para casa às três e quinze.

Mas agora nosso amigo médico vem caminhando pela calçada, soprando vapor boca a fora, carregando sua pasta na mão direita, o ouro da aliança cintilando na esquerda. Dou um zoom nos sapatos dele: um par de oxfords vinho, limpíssimos, reluzindo ao sol.

Subo a câmera para a cabeça dele. Minha Nikon D5500 não deixa passar nada, não com a lente Opteka que coloquei nela. Cabelos muito secos e rebeldes, óculos frágeis e vagabundos, ilhotas de barba por fazer nas faces chupadas: John Miller cuida mais dos sapatos do que do próprio rosto.

De volta ao número 212, onde Rita e o engenheiro se despem às pressas. Eu até poderia descobrir o telefone dela e avisar. Mas não vou fazer isso. Bisbilhotar é como fotografar a natureza: a gente não interfere no que está vendo.

John Miller está a uns trinta segundos da porta de casa. Rita beija o pescoço do engenheiro, tira a blusa.

Mais quatro passos. Cinco, seis, sete. Ele agora está a uns vinte segundos no máximo.

Ela morde a gravata do engenheiro, depois abre um sorriso e vai tirando a camisa dele. O engenheiro mordisca a orelha dela.

O marido salta por cima de um buraco na calçada. Quinze segundos.

Quase posso ouvir quando ela puxa a gravata do colarinho do engenheiro e começa a chicoteá-la pelo quarto.

Dez segundos. Dou zoom outra vez, o focinho da câmera praticamente atravessando a rua. John Miller tira as chaves do bolso da calça. Sete segundos.

Ela desfaz o rabo de cavalo, deixando o cabelo cair sobre os ombros.

Três segundos. Ele sobe os degraus até a porta.

Ela abraça o engenheiro e lhe dá um longo beijo.

Ele encaixa a chave na fechadura. Gira.

Dou zoom no rosto dela, nos olhos que ela arregalou. Porque ouviu.

Tiro uma foto.

Então a pasta do médico se abre acidentalmente e vários papéis são carregados pelo vento. Volto a câmera para ele, a tempo de ver, com nitidez, o palavrão que sua boca deixa escapar. Ele larga a pasta no chão, pisoteia algumas das folhas caídas, tenta pegar as outras que pairam no ar. Um bonequinho de papelão fica preso nos galhos de uma árvore. Ele não percebe.

De volta a Rita. Ela veste a blusa o mais rápido possível, prende o cabelo outra vez e desce às pressas, deixando o engenheiro ilhado no quarto. Ele salta da cama, recolhe a gravata do chão, guarda no bolso.

Esvazio os pulmões, o ar chiando como se escapasse de um balão. Só então me dou conta de que eu tinha prendido a respiração.

A porta da frente se abre. Rita irrompe na calçada, chama pelo marido. Ele vira para trás; imagino que esteja sorrindo, mas não consigo ver. Ela o ajuda a catar os papéis.

O engenheiro surge à porta, uma das mãos enterrada no bolso, a outra acenando para o médico. John Miller acena de volta, depois retorna à porta, pega a pasta que tinha deixado na soleira e aperta a mão de engenheiro. Os dois homens entram na casa. Rita entra em seguida.

Ok. Fica para a próxima.

SEGUNDA-FEIRA,
25 de outubro

DOIS

O CARRO VEM CHEGANDO À RUA, lento e solene como um rabeção, as lanternas traseiras brilhando no escuro.

– Vizinhos novos – digo à minha filha.

– De que casa?

– Do outro lado do parque. Número 207.

Eles estão lá agora, vultos fantasmagóricos no anoitecer, tirando caixas do bagageiro.

Ela suga fazendo barulho.

– O que você está comendo? – pergunto.

Hoje é noite de comida chinesa.

– Yakisoba.

– Você escolhe: ou come ou conversa com sua mãe. As duas coisas ao mesmo tempo, não dá.

Outra sugada no macarrão.

– Ah, mããe....

Isso é motivo de briga entre nós; contra a minha vontade ela abandonou o “mamãe” em favor desse “mãe” mais curto e mais grosso. “Deixa a menina”, diz Ed, mas só porque ele ainda é “papai”.

– Você devia ir lá, dar um alô para eles – sugere Olivia.

– Eu bem que gostaria, meu amor. – Saio de mansinho rumo ao segundo andar da casa, de onde a vista é melhor. – Ah, as abóboras já estão *por todo lado*. Todos os vizinhos têm uma. Os Grays têm quatro. – Enquanto subo as escadas, dou um gole no vinho que trouxe comigo. – Você precisa de uma abóbora também. Pede ao seu pai para comprar. – Mais um gole. – Aliás, pede para ele comprar duas: uma para você e outra para mim.

– Ok.

Olho rapidamente o meu reflexo no espelho escuro do lavabo.

– Você está feliz, meu amor?

– Estou.

– Não se sente muito sozinha?

Ela nunca teve amigos de verdade em Nova York; era tímida demais, miudinha demais.

– Não.

Olho para o breu sinistro no alto da escada. Durante o dia a luz do sol entra pela claraboia do terraço; à noite, essa mesma claraboia é um olho arregalado para as profundezas da escada.

– Você não sente saudade do Punch?

– Não.

Ela também não se dava muito bem com o gato. Numa manhã de Natal, ele botou as garras para fora e arranhou o pulso dela, dois raspões rápidos e perpendiculares, formando um ensanguentado jogo da velha na pele branca da menina. Ed só faltou jogar o bicho pela janela. Onde estará Punch agora? Enroscado no sofá da biblioteca, olhando para mim.

– Deixa que eu falo com seu pai, meu anjo.

Subo o lance seguinte da escada, sentindo sob os pés a textura áspera do carpete. Sisal. Onde é que estávamos com a cabeça? Mancha tão facilmente...

– E aí, campeã? – ele me cumprimenta. – Vizinhos novos?

– Sim.

– Mas outro dia mesmo já não apareceram vizinhos novos?

– Isso foi há dois meses. No 212. Os Millers.

Dou meia-volta; vou descendo a escada.

– E os recém-chegados, onde vão morar?

– No 207. Do outro lado do parque.

– O bairro está mudando muito.

– Não trouxeram muita coisa com eles.

– Imagino que o resto venha de caminhão depois.

– É, deve ser.

Silêncio. Bebo mais um gole do vinho.

Agora estou novamente na sala, junto da lareira, minha sombra se alongando pelos cantos.

– Escute... – diz Ed.

– Eles têm um filho.

– O quê?

– Um filho – repito, encostando a testa no vidro frio da janela.

As lâmpadas de sódio ainda não chegaram aqui nos cafundós do Harlem. A rua é iluminada apenas por um gomo de lua; mesmo assim, consigo distinguir os três vultos: um homem, uma mulher e um garoto alto, levando caixas para dentro da casa.

– Um adolescente – acrescento.

– Novo demais para você, sua loba.

Antes que eu me contenha, digo:

– Queria que você estivesse aqui.

Isso me pega de surpresa. A Ed também, pelo visto. Depois de alguns segundos de silêncio, ele diz:

– Você precisa de um pouco mais de tempo.

Permaneço calada.

– Segundo os médicos, muito contato não é saudável.

– A médica que disse isso fui eu.

– Você é apenas uma entre os muitos.

O fogo estala na lareira às minhas costas. As chamas se reacomodam, crepitando nas escoras de ferro.

– Por que você não os convida para uma visita? – pergunta ele.

Esvazio minha taça.

– Acho que por hoje basta.

– Anna.

– Ed.

Quase consigo ouvir a respiração dele.

– Fico muito triste que a gente não esteja aí com você.

Quase consigo ouvir meu próprio coração.

– Eu também.

Punch tinha descido atrás de mim. Pego o gato no colo, vou para a cozinha, deixo o telefone sobre a bancada. Uma última taça antes de dormir.

Com a garrafa em punho, volto para a mesma janela de antes e ergo um brinde aos três fantasmas que assombram a calçada do lado de fora.

TERÇA-FEIRA,
26 de outubro

TRÊS

NO ANO PASSADO, NESSA MESMA ÉPOCA, tínhamos planejado vender a casa, inclusive tínhamos chamado um corretor. Em setembro Olivia seria matriculada numa escola no centro da cidade, e Ed encontrara um apartamento para nós em Lenox Hill, uma espelunca que precisaria ser colocada abaixo e reconstruída do zero.

– Vai ser divertido – prometeu ele. – Vou instalar um bidê só para você.

Achei por bem não responder.

– O que é um bidê? – perguntou Olivia.

Mas depois ele partiu, e ela junto com ele. Portanto, foi como se uma ferida reabrisse quando, ontem à noite, lembrei da descrição da nossa casa posta à venda nos jornais: BELO SOBRADO DO SÉCULO XIX NO HARLEM, TESOURO DA ARQUITETURA AMERICANA, REFORMADO COM AMOR, PERFEITO PARA A VIDA FAMILIAR! “Sobrado no Harlem” – quanto a isso não há dúvida. “Século XIX” – também é verdade (1884). “Tesouro da arquitetura” – questionável, eu acho. “Reformado com amor” – isso eu posso atestar: com amor e com muito dinheiro também. “Perfeito para a vida familiar” – verdade.

Meus domínios e seus destaques:

PORÃO (ou *maisonette*, segundo o nosso corretor): cômodo de subsolo, sem divisórias, com entrada privativa; cozinha, banheiro, quarto, um miniescritório. Espaço de trabalho de Ed por oito anos: a mesa vivia coberta com suas plantas baixas; as paredes, repletas dos relatórios que ele recebia dos engenheiros e espetava nelas. Atualmente alugado.

JARDIM: pátio (na verdade) acessível pelo primeiro andar. Uma pequena área com piso de lajota; um par de cadeiras Adirondack sem muito uso; um freixo ainda jovem e retorcido num dos cantos, solitário e murcho feito um adolescente sem amigos. De vez em quando tenho vontade de ir até lá e abraçá-lo.

PRIMEIRO PAVIMENTO: *ground floor* para os ingleses, *premier étage* para os franceses. (Não sou nem uma coisa nem outra, mas fiz minha residência em Oxford, quando aliás morava numa *maisonette*, e desde o último mês de julho venho estudando francês pela internet.) Uma adorável cozinha aberta (de novo, palavras do corretor), com uma porta de fundos que dá acesso ao jardim e outra lateral que dá acesso ao parque. Tábuas corridas de madeira clara, agora manchadas pelo Merlot derramado. No hall de entrada há um lavabo: o lavabo vermelho, como costume chamar.

“Vermelho-tomate”, segundo o catálogo de Benjamin Moore. Sala de estar com sofá, mesa de centro e um tapete persa ainda em bom estado.

SEGUNDO PAVIMENTO: uma biblioteca (de Ed; prateleiras abarrotadas, livros já bem surrados e encardidos, espremidos uns contra os outros) e um escritório (meu; arejado, sem muitos móveis, apenas uma mesa da IKEA com um computador Mac em cima: o campo de batalha das minhas partidas de xadrez on-line). Um segundo lavabo – este pintado com o azul “Êxtase Celestial”, o que é bem sugestivo para um cômodo com um vaso sanitário dentro. E um armário, grande e fundo, que talvez um dia eu transforme em laboratório, caso resolva passar da fotografia digital para a película. Acho que estou perdendo o interesse.

TERCEIRO PAVIMENTO: quarto de casal e banheiro. Passei boa parte deste último ano na cama; o colchão é um desses modernos, com especificações diferentes para cada um dos lados. Ed optou pela maciez total, quase um travesseiro de plumas de ganso; eu optei pela firmeza.

– Você dorme num tijolo – disse ele certa vez, correndo a mão pelo lençol.

– E você, numa nuvem – devolvi.

Em seguida ele me deu um beijo longo, desapressado.

Depois que eles foram embora, durante aqueles meses de escuridão e torpor em que eu mal conseguia me levantar da cama, adquiri o hábito de rolar de um lado para outro no nosso colchão, lentamente, enrolando e desenrolando as cobertas feito o vaivém da água numa praia.

Nesse pavimento também fica a suíte de hóspedes.

QUARTO PAVIMENTO: No passado, área da criadagem; hoje, mais dois quartos, entre eles o de Olivia. Há noites em que subo para o quarto dela e fico lá, que nem um fantasma. Tem dias em que fico parada na porta, apenas observando a dança vagarosa das partículas de poeira contra a luz do sol. E às vezes passo semanas inteiras sem pôr os pés no quarto andar, que aos poucos vai se desmanchando na memória, feito a sensação da chuva na pele da gente.

Bem, amanhã falo com eles outra vez. Quanto ao pessoal do outro lado do parque, por enquanto nenhum sinal.